



Biograph



CHÁ FILOSÓFICO: DIÁLOGO ENTRE NARRATIVAS (AUTO)BIOGRÁFICAS E A EPISTEMOLOGIA DE FLECK

Felipe Bezerra de Medeiros Dantas Duarte - UFRN - batistalipe@hotmail.com

Introdução

Esse texto faz parte de minha reflexão ao longo da análise dos sujeitos de pesquisa que compõem meu trabalho de dissertação, onde utilizo como método de investigação as narrativas (auto)biográficas sob a análise compreensivo-interpretativa. Entendo que a análise do material empírico sob essa perspectiva faz não só o sujeito da pesquisa repensar sua formação, mas também o pesquisador. Ao longo do semestre, escrevendo minha dissertação, comecei a refletir como o método de investigação que utilizo está relacionado com a epistemologia *fleckiana*. Diante disso, meu objetivo é estabelecer uma relação entre o projeto epistemológico *fleckiano* e a pesquisa (auto)biográfica.

A pesquisa (auto)biográfica

No Brasil, as pesquisas de cunho (auto)biográfico estão cada vez mais se consolidando como uma perspectiva não só de pesquisa, mas também de prática formativa (SOUZA, 2014). Isso porque esse método investigativo pode proporcionar uma janela de oportunidades não só para os pesquisadores, mas para os sujeitos em processo de formação também. A abordagem (auto)biográfica carrega consigo a capacidade de “auxiliar na compreensão do singular/universal das histórias, memórias institucionais e formadoras dos sujeitos em seus contextos” (SOUZA & FORNARI, 2005, p. 253), tendo em vista que podem revelar práticas consideradas individuais/pessoais que estão adensadas na história. Sendo assim, é por meio da pesquisa (auto)biográfica que podemos acessar o dizível e o não dizível explicitamente pelo sujeito. Entendo que o método (auto)biográfico ora pode ser entendido como método, ora como técnica. Para tanto, cito Souza & Fornari:

Evidenciamos, com base em Queiroz (1988), que a abordagem (auto)biográfica tanto é método, uma vez que adquiriu, em seu processo de consolidação, vasta fundamentação teórica, quanto é técnica, na formulação de várias propostas de maneiras diferenciadas para sua utilização. (SOUZA & FORNARI, 2005, p. 67).

A epistemologia de Fleck

As principais ideias de Ludwick Fleck (1896-1961), estão contidas no livro *La génesis y el desarrollo de un hecho científico* (FLECK, 1986). Para além da sua dedicação na Medicina, Fleck (1896-1961) interessou-se por obras filosóficas, sociológicas e relacionadas à história da Ciência. O médico, judeu e pesquisador, argumentava que a Ciência deveria ser concebida como uma atividade historicamente elaborada por coletivos. Fleck entendia que o conhecimento tinha origem sócio-históricas, envolvendo os sujeitos de cada época vivida na História. Sendo assim, ele cria dois conceitos que estão inter-relacionados, que são o de estilo de pensamento e o de coletivo de pensamento.

Nessa perspectiva, Fleck concebe uma noção de evolução da ciência associada à estrutura da comunidade de pesquisadores, do coletivo de pensamento que possui um estilo de pensamento que é influenciado pelo desenvolvimento histórico das ideias e conceitos. (MASSONI & MOREIRA, 2015, p. 239).

O epistemologista conceitua **estilo de pensamento**, como a disposição para o perceber orientado, e as ideias comuns de determinado grupo que compartilham desse estilo de pensamento como **coletivo de pensamento**. O autor defendia que existe uma ligação/relação entre o estilo de pensamento de uma determinada época com os conceitos que são considerados pertinentes para essa mesma época. Havendo, portanto, “um condicionamento histórico-cultural caracterizado por certa regularidade histórica no desenvolvimento do pensamento” (PFUETZENREITER, 2003, p. 113).

Fleck, ainda desenvolve outros conceitos como as protoideias, o fato como algo histórico e socialmente concebido, entre outros. Contudo, quero me apegar aqui às reflexões que fiz quando relacionei o estilo de pensamento, o coletivo de pensamento, e a

ideia de que todo conhecimento é formado por um contexto social, cultural e histórico. É sobre isso que irei argumentar no próximo tópico, e que constitui o *corpus* principal desse trabalho.

O início de uma discussão

Assim como Delory-Momberger, entendo que o compreender humano “constrói-se com base na autorreflexão e na auto-interpretação que o homem, aqui o historiador ou o pesquisador, é capaz de realizar sobre si mesmo a partir de sua própria experiência de vida” (DELORY-MOMBERGER, 2008, p.57). Diante disso, podemos não só visitar o tempo passado através de uma narrativa, como também reconfigurar a interpretação que temos dela quando contamos um fato que nos ocorreu. Acredito que isso esteja ligado ao fato de que um ser humano como ser constituinte de emoção, sentimentos e ideias se constrói, se destrói e se constrói novamente ao longo do tempo. O que dizer então da escrita de si como pesquisa-formação em espaços formativos? Larrosa (2002) explica que só passamos verdadeiramente pela experiência quando narramos o fato ocorrido. Concordo e argumento que o fato em si é uma construção histórica e social contextualizada da época vivida. Para além disso, penso que só paramos para entender/perceber o que passamos quando em uma narrativa, seja ela escrita ou oral, contamos o fato.

De diferentes maneiras meus sujeitos de pesquisa contavam seus problemas e ou experiências em sala de aula. O conhecimento vivido/experenciado – e não acumulado – é interpretado e interpelado por nossos próprios estilos de pensamentos. Provenientes da religião, da cultura, ou do momento histórico em que vivemos. A narrativa (auto)biográfica permitiu a mim, como pesquisador, realizar relações intercoletivas de estilos de pensamento. Às vezes, ao ler as narrativas dos meus sujeitos de pesquisa, pude perceber o quanto diverso é o conhecimento sobre a prática docente em um contexto formativo. Essas relações intercoletivas foram geradas pelo método (auto)biográfico, permitindo-me o acesso a entender os fatos narrados de diferentes óticas.

A escrita de si, tem se tornado uma prática cada vez mais comum em cursos de formação de professores, pois permite ao Licenciando vivenciar suas experiências e refletir sobre elas ao narrá-las (SOUZA, 2014). Na epistemologia de Fleck, é muito importante estabelecer a prática para a concepção de um estilo de pensamento. No contexto da minha

pesquisa, pude perceber, quantas vezes a escrita biográfica, permitiu aos licenciandos refletirem não só sobre sua prática *in actu*, mas também *a posteriori*. O mesmo ocorreu comigo, ao ler o material empírico coletado. Me vi várias vezes como *interpretador das interpretações narradas* pelos meus sujeitos de pesquisa. Não é isso que a abordagem (auto)biográfica faz? A escrita de si como pesquisa-formação, para mim, estabelece a relação entre o estilo de pensamento e a prática formativa. Diria ainda que, além do estabelecimento de um estilo de pensamento, a escrita (auto)biográfica permite ao indivíduo repensar seu estilo.

A todo estilo de pensamento lhe corresponde um efeito prático. Todo pensar é aplicável, posto que a convicção exige, seja a conjuntura certa ou não, uma confirmação prática. A verificação de eficiência prática está, portanto, tão unida ao estilo de pensamento como a pressuposição (Fleck, 1986, p. 151).

Delory-Momberger (2012) estabeleceu relações entre o projeto epistemológico da pesquisa biográfica e a antropologia social “ao explicitar marcas como os indivíduos representam-se a si mesmos e aos outros numa perspectiva temporal de sua existencialidade e das experiências construídas ao longo da vida (DELORY-MOMBERGER apud SOUZA, 2014, p. 41). Numa perspectiva *fleckiana*, entendo que a abordagem (auto)biográfica, toda e qualquer narrativa é experienciada no campo subjetivo, sendo costurada a um contexto social e histórico vivido pelo indivíduo, e conseqüentemente, narrado por ele. O “ser indivíduo” se constitui a partir das experiências narradas, sobretudo quanto à identidade docente.

Em determinado momento de seu trabalho, Augé (1998), afirma que “É preciso esquecer para continuar presente, esquecer para não morrer, esquecer para permanecer fiel” (p. 106). Aqui entendo que esse esquecer remete ao presente, ao que queremos que seja esquecido quando narramos um determinado fato. Fato esse concebido historicamente e socialmente quando estamos sendo entrevistados, ou quando a entrevistar alguém. Sob uma análise *fleckiana*, eu diria que para entender o sujeito da pesquisa, é preciso retomar momentos que ele viveu, para poder elaborar uma interpretação e análise adequada do que foi dito.

Considerações finais

Diante do que já foi exposto até aqui, entendo que a epistemologia de Fleck muito dialoga com as narrativas (auto)biográficas, pois na narrativa tenho o método para acessar aquilo que foi dito e pregado por Ludwick Fleck no campo do conhecimento, seja ele qual for. Considero que o fato, histórico e socialmente concebido, é muito bem percebido quando ao ler o que determinado licenciando disse sobre sua vivência na sala de aula, remeto-me às condições em que ele vivia, fazendo relações entre seu contexto histórico-social e o que foi narrado. Além disso, começo a ver que no campo das narrativas (auto)biográficas, preciso estar atento ao que é dito e ao que não é dito. O que faz o sujeito da pesquisa não narrar determinado fato? Será que para ele, ao não ser narrado tal acontecimento/fenômeno, esse deixa de ser um fato concebido em si? Compreendo que a temporalidade da narrativa (auto)biográfica se constitui como uma vertente da experiência humana, e portanto, sob uma perspectiva *fleckiana* para a Educação, como prática da formação docente. Já as narrativa (auto)biográfica como método, me permitiu estabelecer relações entre estilos de pensamentos diferentes.

Penso que, meu texto poderá ser uma contribuição a mais para as reflexões epistemológicas no campo das pesquisas (auto)biográficas, com o intuito de fomentar mais pesquisadores à tomar um chá de conversas e discussões sobre área tão fértil.

REFERÊNCIAS

- AUGÉ, Marc. **As formas do esquecimento**. Tradução de Ernesto Sampaio, Lisboa: Imanedições, 1998.
- DELORY-MOMBERGER, C. **Biografia e educação**: figuras do indivíduo-projeto. Natal: EDUFRRN, São Paulo: PAULUS, 2008.
- DELORY-MOMBERGER, C. Abordagem metodológica na pesquisa biográfica. **Revista Brasileira de Educação**, v. 17, n. 51, 523-740, set./dez. 2012.
- FLECK, L. **La génesis y el desarrollo de un hecho científico**. Madrid: Alianza Editorial, 1986.
- LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**[Revista Online].n 19, jan-abr, 2002.
- MASSONI, Neusa Teresinha; MOREIRA, Marco Antonio. A Epistemologia de Fleck: Uma Contribuição ao Debate sobre a Natureza da Ciência. **Alexandria Revista de Educação em Ciência e Tecnologia**, v. 8, n. 1, p. 237-264, maio 2015.

PFUETZENREITER, Márcia Regina. Epistemologia de Ludwik Fleck como referencial para a pesquisa nas Ciências Aplicadas. **Episteme** [online], Porto Alegre, n. 16, p. 111-135. 2003.

SOUZA, Elizeu Clementino; FORNARI, Liege Maria Sitja. Colégio Nossa Senhora do Carmo: memória, história institucional e representações sobre a formação docente. In: FERRAZ, Jaci Maria et al. **Educação na Bahia**: memória, registros, testemunhos. Salvador: EDUNEB, 2005. p. 347-356.

SOUZA, Elizeu Clementino de. Diálogos cruzados sobre pesquisa (auto)biográfica: análise compreensiva-interpretativa e política de sentido. **Educação**. Santa Maria, v. 39, n. 1, p. 39-50. Jan/abr, 2014.